

# Apresentação

Philippe Léna e Elimar Pinheiro do Nascimento

Durante os últimos 20 anos o discurso do desenvolvimento sustentável representou a linguagem hegemônica, e supostamente consensual, para pensar a regulação entre ambiente e sociedade. Criticado pelos agentes econômicos que o percebiam como uma distorção do livre mercado, ou pela ecologia política que denunciava sua falta de consistência e sua defesa do modelo dominante, conseguia apesar de tudo reunir atores com interesses divergentes em torno das mesas de negociações. Após muitas conferências internacionais, convenções e protocolos, podemos constatar que a situação do meio ambiente piorou muito e que seu ritmo de degradação se acelerou. A inércia social é doravante incompatível com a urgência ecológica, a dinâmica da degradação ambiental sendo mais rápida que a evolução das crenças e comportamentos humanos.<sup>1</sup> E, sobretudo, mais veloz do que as medidas tomadas para o enfrentamento do problema.

Outra constatação: o modelo econômico atual não é generalizável. Isso pode ser descrito de várias maneiras, abordado a partir de vários ângulos, sem que o diagnóstico mude. Utilizemos, por exemplo, o indicador sintético desenvolvido por Wackernagel & Rees nos anos noventa, a pegada ecológica (isto é, a quantidade de espaço biologicamente produtivo utilizado por cada indivíduo, região ou país para produzir o que consome e absorver seu lixo – essencialmente os gases de efeito estufa que emite). Países industrializados alcançaram IDH superiores a 0,85 à custa de pegadas ecológicas que ultrapassam, e muito, o limite *per capita* “autorizado” (se não quiser ultrapassar a biocapacidade do planeta, o que é uma condição necessária). Na realidade, elevar o IDH de 0,80 a 0,88 (8 pontos) representa, em média, multiplicar a pegada ecológica por três, enquanto passar de 0,60 para 0,80 (20 pontos) não chega a multiplicar a pegada por dois. É a sociedade de consumo, poderíamos dizer de hiperconsumo, que é responsável por esse *overshoot*. Se fizer o cálculo por faixas de renda, vemos que há pessoas em situação de hiperconsumo em todos os países, em proporção variável (como também tem pobres em todos). Estamos diante de um desafio gigantesco: diminuir drasticamente a pegada ecológica dos países industrializados (até chegar ao máximo autorizado) e fazer com que os países emergentes e em desenvolvimento não ultrapassem

---

1. Expressão do ex-ministro da ecologia da França, Yves Cochet.

o limite cabível (ou voltem atrás se já ultrapassaram). É nesse ponto que a questão ecológica encontra a justiça e a ética: cada ser humano deve ter os mesmos direitos, o mesmo acesso à riqueza global e sofrer as mesmas restrições. Estamos muito longe desse objetivo. Mas doravante será impossível dissociar o progresso social da questão ambiental.

A crise econômica (financeira) na qual entramos em 2008 revelou a fragilidade do modelo econômico dominante e tornou insuportáveis as injustiças. Nos países industriais, fazia muitos anos que cresciam o desemprego e as desigualdades, mas ainda havia certa adesão à ideia de progresso material contínuo; o futuro seria obrigatoriamente melhor. Essa crença foi abalada pela crise. Os “indignados” de muitos países reclamam uma “outra economia”, outra forma de produzir, consumir e distribuir. Muitos cidadãos não querem mais viver na dependência da valorização das suas empresas na bolsa, querem restaurar uma capacidade de intervenção no seu próprio destino. Querem substituir a competição pela cooperação, ter atividades criativas que façam sentido para eles, mas também para a coletividade. Recusam a linearidade, o pensamento único e os determinismos: “outro mundo é possível”, dizem. São valores compartilhados pela ecologia crítica e os movimentos socioambientais, mas também, e cada vez mais, por outros grupos e segmentos sociais.

A urgência ambiental e a ineficácia dos processos de desenvolvimento sustentável provocaram dois tipos de reação e propostas: uma é a “economia verde” (ou “capitalismo verde”), que aposta na tecnologia (eficiência, “fazer mais com menos” etc.) para voltar a criar riqueza, crescimento e empregos (isto é, restaurar as taxas de lucro e a acumulação); outra é a saída do sistema econômico atual, do seu imaginário e dos seus valores (de forma radical ou mais reformista, e com período variável de transição). Nessa segunda família, encontramos, em particular, o movimento a favor do decrescimento e do ecossocialismo.

Criticar o “desenvolvimento” (em geral reduzido à sua dimensão de crescimento econômico) é uma abordagem particularmente iconoclasta na sociedade ocidental, onde constitui um mito fundador. As críticas ao sistema capitalista existem há muito tempo, mas ganharam força com o apoio e o reforço da crítica ecológica. De fato, a percepção da existência de limites à expansão material subverte a ordem simbólica capitalista e o fetiche da mercadoria. Trata-se, muito provavelmente, de uma ruptura ou bifurcação histórica que está em curso. No seu relatório para o governo inglês, Tim Jackson observa: “Nossa visão do progresso social – baseada na

expansão permanente dos nossos desejos materiais – é fundamentalmente insustentável”.

Enquanto os limites à expansão física do sistema econômico não eram perceptíveis (com sua degradação rápida da biosfera), enquanto era ainda possível pensar que o sistema acabaria fornecendo a todos um alto nível de consumo material, podia haver crises econômicas graves sem que o modelo fosse fundamentalmente abalado. Hoje percebemos que são nossos valores que estão questionados, são eles que provocam a degradação ambiental, a pobreza e o mal-estar. Por isso, muitos autores falam de crise de civilização, e de fato é disso que se trata quando são os valores fundamentais de uma civilização que estão em xeque.

Reunimos, neste livro, contribuições<sup>2</sup> de autores que vêm de horizontes diferentes, têm abordagens distintas, mas compartilham uma mesma crítica ao modelo econômico vigente, ao crescimento, à economia verde e ao desenvolvimento sustentável. Também associam estreitamente a questão social e ecológica. Nos seus países respectivos, vários desses autores tiveram, e têm, um papel de destaque na elaboração e promoção de propostas alternativas, tais como o decrescimento ou o ecossocialismo. Outros realizam um trabalho de crítica do modelo atual a partir da economia, da sociologia ou da filosofia, associando sempre sociedade e meio ambiente. Esperamos que essas contribuições possam dar subsídios para um debate que está crescendo no Brasil. Achamos importante tornar disponíveis esses textos num período em que, graças à realização da Rio + 20, o debate em torno das questões sociais e ambientais ocupará com certeza um espaço maior.

Na sua contribuição, Philippe Léna aborda as diferentes questões levantadas pela interconexão entre a degradação ambiental crescente e a crise social e econômica. Começa por analisar as raízes da crise econômica atual e as razões do fracasso do movimento ecologista nos anos setenta. A seguir, mostra que estamos na véspera de uma nova mudança de escala no crescimento da economia global e da destruição ambiental, e que o desenvolvimento sustentável não é uma resposta à altura, sendo necessárias soluções alternativas mais radicais, que poderiam vir da Ásia, primeira região a enfrentar, em grande escala, o aumento do consumo e a degradação ambiental. Frente aos desafios, somente uma justiça social e ambiental ampla poderia ser socialmente aceita. Mostra que os estados e as instituições em geral estão longe

---

2. Das 24 contribuições, 21 foram escritas especialmente para este volume, uma corresponde à tradução de um artigo já publicado e duas são artigos modificados.

de assumir posturas que levem às transformações necessárias e que, na era da informação, os *lobbies* estão usando a arma da desinformação para adiar as decisões que poderiam prejudicar seus interesses.

Serge Latouche faz questão de dizer que o decrescimento não é “o oposto simétrico do crescimento”, uma espécie de “crescimento negativo”, o que seria absurdo. Trata-se muito mais de uma saída do imaginário ocidental que assimila o progresso à acumulação material e ao domínio da natureza. Depois de lembrar que o crescimento é impossível ecologicamente, e que não traz bem-estar nem felicidade a partir de um certo ponto, o autor mostra a necessidade de um questionamento radical dos princípios da sociedade de crescimento. Isto é, precisamos reconstruir a sociedade em torno de outros valores. Latouche sugere 10 grandes linhas que poderiam servir de base para uma reconversão da economia francesa no sentido de uma sociedade de decrescimento, o que implica a diminuição em 75% da sua pegada ecológica. Entre as principais medidas, cita a realocização da economia e a diminuição do tempo de trabalho. Porém, insiste no fato que não existe um único modelo a seguir para o decrescimento; cada cultura, região, país deve inventar seu próprio caminho.

Apoiando-se numa ampla bibliografia, Joan Martínez-Alier faz a genealogia dos principais conceitos utilizados no campo da sustentabilidade, em particular os de metabolismo social, decrescimento e justiça ambiental. Mostra que as tendências atuais de consumo material-energético são insustentáveis e que, chegando nos seus limites, o metabolismo social dominante entra em conflito com os últimos territórios onde moradores vivem da exploração sustentável dos recursos naturais. Cada vez mais organizadas e apoiadas por Organizações de Justiça Ambiental (OJAs), as populações locais desenvolvem um “ambientalismo dos pobres”, feito de resistência e lutas. O autor defende a noção de “dívida ecológica” (exportação barata de recursos, exposição das populações a riscos e destruição dos meios de vida) e mostra a aliança objetiva e necessária entre a justiça ambiental e o movimento a favor do decrescimento. Afirmar também a necessidade de realizar pesquisas sobre o decrescimento socialmente sustentável.

Recorrendo à história, à economia e à antropologia, Mauro Bonaiuti aborda o que ele considera como os fundamentos do decrescimento. Mostra como o processo autoalimentado e contínuo de crescimento, acumulação e inovação leva a mudanças de escala e, conseqüentemente, a mudanças estruturais na economia e nas instituições. A produção contínua de novos bens, serviços e mercados para evitar a queda da taxa de lucro numa economia

# Enfrentando os limites do crescimento sustentabilidade, decrecimento e prosperidade

**Philippe Léna e  
Elimar Pinheiro do Nascimento (orgs.)**

**Garamond**

**IRD**  
Institut de recherche  
pour le développement

Copyright © Garamond e IRD, 2012  
Direitos reservados para esta edição

**Editora Garamond Ltda**

Rua Cândido de Oliveira, 43  
Rio Comprido, CEP 20261-015  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Tel/fax: (21) 2504-9211  
www.garamond.com.br  
editora@garamond.com.br

**IRD – Institut de Recherche  
pour le Développement**

« Le Sextant »  
44 Bd de Dunkerque  
CS 90009  
13572 Marseille Cedex 02 (France)  
www.ird.fr  
IRD-Brasil : www.brasil.ird.fr

*Revisão* Carmem Cacciacarro

*Projeto visual, capa e editoração* Estúdio Garamond · Anderson Leal

Sobre foto de Andrea\_44, disponível em <http://www.flickr.com/photos/8431398@No4/2726363163/> sob licença Creative Commons “Atribuição”.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

E46

Enfrentando os limites do crescimento : sustentabilidade, decrescimento e prosperidade /  
Philippe Léna e Elimar Pinheiro do Nascimento (orgs.). – Rio de Janeiro : Garamond, 2012.

444p. : 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7617-256-7

1. Desenvolvimento sustentável. 2. Desenvolvimento econômico. I. Título.

12-3352.

CDD: 363.7

CDU: 502.131.1

21.05.12

22.03.12

035536

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

## Sumário

- 9 Apresentação  
*Philippe Léna e Elimar Pinheiro do Nascimento*
- 23 Os limites do crescimento econômico e a busca pela sustentabilidade: uma introdução ao debate  
*Philippe Léna*
- 45 O decrescimento. Por que e como?  
*Serge Latouche*
- 55 Justiça ambiental e decrescimento econômico: a aliança dos dois movimentos  
*Joan Martínez-Alier*
- 79 A caminho da grande transição  
*Mauro Bonaiuti*
- 107 Decrescer crescendo  
*José Eli da Veiga e Liz-Rejane Issberner*
- 135 O decrescimento para todos?  
*Gilbert Rist*
- 147 Crise ecológica e crise de civilização: a alternativa ecossocialista  
*Michael Löwy*
- 157 Alguns marcos teóricos e políticos para a construção de uma postura ecológica revolucionária  
*François Chesnais*
- 171 A mega-máquina da globalização e do desenvolvimento insustentável: retornar à simplicidade  
*Alain Gras*

- 185 Só existe desenvolvimento sustentável:  
a economia como parte da natureza  
*Clóvis Cavalcanti*
- 201 Decrescimento e bem viver:  
algumas linhas para um debate adequado  
*Ernest Garcia*
- 229 As desigualdades, motor da crise ecológica  
*Hervé Kempf*
- 235 Justiça distributiva e eficiência econômica:  
uma perspectiva ecológico-econômica dos condicionantes  
do *desacoplamento*  
*Maria Amélia Enríquez e Gisella Colares Gomes*
- 253 Introdução à história do conceito de decrescimento na França  
*Fabrice Flipo*
- 269 O decrescimento no Brasil  
*Alan Boccato-Franco*
- 289 O decrescimento e os países do Sul  
*Miguel Benasayag e Angélique del Rey*
- 303 O novo extrativismo progressista na América do Sul:  
teses sobre um velho problema sob novas expressões  
*Eduardo Gudynas*
- 319 O papel do campesinato na construção  
da sociedade do decrescimento  
*Igor S. H. de Carvalho e Alan Boccato-Franco*
- 335 A bionação: o marco político do decrescimento  
*Santiago Vilanova*

- 349 Georgescu-roegen e o desenvolvimento sustentável:  
diálogo ou anátema?  
*Andrei Cechin*
- 371 Por uma conversão antropológica:  
o decrescimento é a saída do labirinto  
*Jean-Claude Besson-Girard*
- 381 Policrise da globalização  
*Jean-Marc Salmon*
- 391 Decrescimento e dispêndio:  
diálogo em torno de críticas ao crescimento  
e apostas antiutilitaristas  
*Onofrio Romano e Vincenzo Lauriola*
- 415 Sustentabilidade: o campo de disputa de nosso futuro civilizacional  
*Elimar Pinheiro do Nascimento*
- 435 Os autores